

Prefácio

Maristela Simão & Mário Moutinho

A presente edição dos Cadernos de Sociomuseologia reúne um conjunto de textos que abordam diferentes aspetos, realidades e conceitos vinculados à Museologia Social e de forma mais ampla à Sociomuseologia. Trata-se de experiências em curso e de aprofundamento da teoria da Sociomuseologia. Com efeito, compreender a relação orgânica entre a prática desenvolvida em Museus que assumem a sua responsabilidade social, com a reflexão que busca compreender como esses processos se constroem e desenvolvem, é cada vez mais necessária, na medida em que pode contribuir para uma ação mais cada vez mais consciente e relevante. Hugues de Varine definiu a Sociomuseologia como:

“disciplina académica confirmada e reconhecida, com as suas três dimensões de investigação e experimentação, ensino e publicação, independente mas solidária com a corrente histórica da museologia e das suas instituições.”¹

A presente edição é publicada no momento em que se discute a revisão do Código de Ética do ICOM, tornada inevitável em virtude do crescente reconhecimento do poder da Museologia dialógica de base comunitária. Com efeito, com o reconhecimento que os museus devem, na sua complexidade e especificidades, ter por principal objetivo servir o desenvolvimento social no respeito dos Direitos Humanos tornou-se evidente que um novo conjunto de conceitos deveria integrar o novo Código de Ética do ICOM. Trabalhar com coleções de objetos e/ou trabalhar com e para pessoas exige naturalmente novas formações, competências e comportamentos. Para este propósito contribuíram de forma decisiva as recomendações do UNESCO de 2015 relativas aos museus e coleções, enfatizando a função e responsabilidade social dos Museus na construção de sociedades mais justas e inclusivas, assim como a nova definição de Museu adotada em 2022 pelo ICOM, na qual foram introduzidos conceitos orientadores essenciais para todos os museus. Também a criação no seio do ICOM do Comité Internacional da Museologia Social (SOMUS-ICOM) representa uma etapa que faltava ultrapassar pela comunidade internacional da Museologia, para o reconhecimento pleno da Museologia Social, dos seus princípios, valores e visão.

Neste contexto, a presente edição cobre cinco áreas: a) Teoria museológica, b) Museologia social e memórias traumáticas, c) Museologia Social e Género, d) Estudos de caso no âmbito da Museologia Social e e) Novos recursos de intervenção.

No primeiro caso Jean Baptista, Tony Boita e Ana Karina Calmon tratam as influências provindas do pensamento museológico, da Democracia e dos estudos académicos sobre género

¹ (2023) De Varine Hugues, Prefácio do livro Teoria e prática da Sociomuseologia, Moutinho, M., & Primo, J., Edições Universitárias, Lusófonas, ISBN: 979-8683520359. p. 15.
https://doi.org/10.36572/csm.2021.book_3

e sexualidade, como a Teoria Queer; Arantxa Llanos Ciafrino propõe-se refletir sobre como a *performance* desafiou as práticas tradicionais dos museus clássicos de arte desde os anos 1960, e também como ela pode apontar para novas formas de atuação e presença no ambiente museológico, relacionando-se ao que alguns autores chamam de prática decolonial ou giro decolonial (Quijano, Carvalho Britto); Ana Paula Carvalho tendo por base a análise de 10 teses, mostra como esses trabalhos ajudam a compreender as nuances e interseções entre diferentes campos, destacando a importância da participação comunitária e do desenvolvimento sustentável na prática museológica contemporânea. As teses analisadas evidenciam a relevância de uma museologia crítica e democrática, alinhada com os ideais antihegemônicos e anticapitalistas que marcaram o surgimento desses movimentos nos anos 60 e 70.

A segunda área tratada aborda a relação entre museologia social e o complexo campo de reflexão e educação centrado nas “Memórias traumáticas”. Laia Encinar-Prat, Núria Guitart-Casalderrey, Jordi Arcos-Pumarola estudam como a mediação se revela como um recurso relevante para a leitura do património histórico ligado aos conflitos bélicos, como pode gerar experiências que incluem emoção e capacidade de estabelecer diálogo e comunicação entre pessoas e grupos relacionados com os conflitos atuais; Rildo Bento de Souza tendo por referência a antiga Casa de Câmara e Cadeia (atual Museu das Bandeiras) mostra como pode ser fecunda a utilização da documentação nela existente, não somente para fazer análises de cunho histórico, mas também conceber exposições museológicas, possibilitando o retorno àquele espaço – a cadeia – da memória daqueles que lá foram supliciados; Luiza Victoria Trápaga põe em evidência o potencial educativo das memórias traumáticas dentro das instituições museológicas, mostrando como todos esses conceitos e reflexões se encontram e complementam no propósito de recolher e preservar as memórias traumáticas, com técnica, ética e sensibilidade.

Dois textos abordam as questões de género: Samara Hevelize de Lima propõe uma discussão de género em museus, tendo como elemento primordial o ofício doméstico o qual permite o debate sobre a desvalorização do trabalho doméstico, as relações de poder, o padrão feminino e a hierarquização de classes; Karlla Kamylla Passos mostra como a museologia e muitos museus não se mostram interessados em superar questões relacionadas ao racismo e preconceito de classe, que geram desigualdades em nossa sociedade, e é através da Sociomuseologia que um debate inicial pode ser realizado.

São apresentados 3 estudos que permitem compreender como se desenvolvem práticas museológicas inspiradas no diálogo: Maristela Simão, Angelo R. Biléssimo e Nathália Pamio Luiz apresentam alguns resultados do Projeto de I&D “O lugar do Património Cultural Imaterial nos processos educativos na grande Lisboa”, desenvolvido no âmbito do Centro de Estudos Interdisciplinares em Educação e Desenvolvimento da Universidade Lusófona (CeIED/ULusófona) e no Departamento de Museologia da mesma Universidade. O referido projeto analisou iniciativas na área do património cultural imaterial que incentivam a valorização da diversidade cultural e da cidadania nos espaços de educação formal, nas atividades curriculares e extracurriculares das escolas da Grande Lisboa; Júlia Morim e Mário Moutinho analisam o contexto histórico e político de surgimento, bem como a trajetória do Museu da Parteira, no qual se desenvolvem ações em diversas esferas: exposições, publicação de livros, produção de filmes, realização de encontros e debates, apontando os caminhos percorridos e as contribuições trazidas para o campo dos museus, abarcando a transversalidade das práticas de preservação do património cultural.

Por último o artigo de José Carlos C. Minderico trata a questão do uso do desenho como recurso para a construção de processos dialógicos. Apesar da quase inexistência do uso do desenho enquanto recurso gerador, o autor sugere que os registos memoriais dos próprios membros da comunidade (através do desenho), podem revelar surpreendentes conexões entre museus e semiótica, teoria das representações sociais e psicologia social. O «sketching» tem, segundo o autor, o potencial de permitir introspeções criativas individuais e coletivas, mas também pode resgatar a liberdade artística e democratizar a expressão individual, podendo tornar-se de relevante importância no espectro cultural e social.

Nota: A partir deste volume os Cadernos de Sociomuseologia passam a ser publicados em parceria com o novo **Comité Internacional para a Museologia Social**. Este comité foi criado pela Comissão Executiva do Conselho Internacional dos Museus (ICOM), na sua 165ª sessão em 23 e 24 de março de 2023 reunida em Nápoles.

O Comité internacional nasceu de 3 razões fundadoras:

Desejo de integrar os museus comunitários e os processos museológicos no seio Conselho Internacional dos Museus (ICOM), como parceiros iguais no mundo da museologia.

Justiça para promover o reconhecimento do trabalho e do comprometimento de pessoas e comunidades que colocam frequentemente a sua liberdade e vida em perigo, em diversos locais do mundo, em prol da Museologia Social expressa em museus comunitários, ecomuseus, museus locais, museus de favela, museus LGBTQI+, museus de bairro, museus interseccionais, entre outras formas de expressão museológica;

Determinação, porque acreditamos que é possível estender a ideia e o poder da Museologia Social para territórios que não beneficiam desta ferramenta ao serviço da Cidadania e da Dignidade Humana. <https://somus.mini.icom.museum/homepage/welcome-pagina/>